

Prevenção em alta

CNI realiza mais uma vez uma campanha que visa principalmente evitar os acidentes do trabalho e a conseqüente redução da produção

Com o lema "Prevenção é Vida", está em andamento em todo o País mais uma edição da Campanha da Indústria para a Prevenção de Acidentes no Trabalho, iniciativa do Sistema CNI que vem mobilizando a sociedade desde 1997, em busca da integridade do trabalhador.

Caracterizada por múltiplas parcerias, que incluem a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Ministério do Trabalho e Emprego, por meio da Secretaria de Segurança e Saúde no Trabalho, e a Fundacentro, entre outras representações de entidades de trabalhadores e empresários, a campanha só termina em dezembro.

Em deixar de lado os segmentos envolvidos, este ano o trabalho tem como alvo especial a Construção Civil e a Metalurgia. Segundo justificativa dos organizadores, esses dois setores são caracterizados por alta exposição a riscos de acidentes e pelo fato de estarem presentes em todas as regiões brasileiras, empregando grandes contingentes de mão-de-obra.

A ERA DA SEGURANÇA

A campanha tem feito circular em todos os estados brasileiros instrumentos que procuram destacar os avanços nos padrões de segurança na saúde dos trabalhadores, além da eliminação de desperdício, como fatores que geram competitividade, produtividade e qualidade de vida. Partindo do pressuposto de que precisa mobilizar elementos decisivos para a adaptação do Brasil à economia globalizada e para o desenvolvimento sócio-econômico, utiliza instrumentos como o jornal Prevenção é Vida, mala direta para empresários, home-page na internet (www.prevencaoevida.com.br) e exibição de peças de teatro enfocando os temas "A Era da Segurança" e "O Super Seguro". Além disso, realiza fóruns sobre prevenção de acidentes e doenças do trabalho.

Em Goiás, a extensa programação vem sendo desenvolvida por meio de peças promocionais na mídia e distribuição de materiais educativos e de divulgação, numa ação integrada da CNI com o Sesi, Senai, IEL e as Federações Estaduais da Indústria.

TRABALHO PERMANENTE

Nos últimos 20 anos, as campanhas de conscientização e a mobilização de empresários, trabalhadores e da sociedade foram determinantes para que o Brasil registrasse uma sensível redução na frequência dos acidentes do trabalho e doenças profissionais. Para o presidente da CNI, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, é preciso combater as causas dos acidentes, dar a devida orientação no manuseio dos equipamentos de proteção individual e estimular a política de prevenção, uma vez que já não é mais possível a convivência com os índices verificados. "O maior prejudicado é o trabalhador, sua família e a indústria na qual exerce sua atividade, pois é complicado substituir um operário acidentado. Fora o lado humano que é o principal, existem outras graves dificuldades que a empresa enfrenta quando há um acidente de trabalho", observa.

As ações voltadas para a prevenção no Brasil conseguiram formar nas empresas e na sociedade uma mentalidade prevencionista, comprovada pela estatística que mostra uma redução aproximada de 80% dos acidentes do trabalho, de 1975 até 1998.

Apesar disso, os 3.785 óbitos registrados no ano passado demonstram que a gravidade dos acidentes do trabalho continua elevada e indicam que é necessário um permanente alerta na política prevencionista. Aliados às doenças profissionais, os acidentes representam em 1998 prejuízos aproximados de 9 bilhões de reais para as empresas brasileiras.

De acordo com o INSS, a quantidade mensal de acidentes do trabalho em 1998 oscilou entre 30 e 35 mil acidentes por mês, o que demonstra um equilíbrio de ações prevencionistas no decorrer do período. Mesmo assim, os benefícios concedidos em decorrência dos acidentes, em 98, chegaram a quase nove bilhões de reais, somados os custos diretos e indiretos. Se estimarmos o valor de uma casa popular em 15 mil reais, essa quantia daria para construir 600 mil casas populares que abrigariam aproximadamente um milhão e 800 mil pessoas.

RISCO PARA A PRODUÇÃO

Em todo o Brasil, os acidentes do trabalho verificados em 97 e 98 ocorreram, em sua maior parte, entre as faixas etárias de melhor condição produtiva.

As idades com maior frequência de acidentes foram as de 20 e 24 anos, respectivamente com 73.691 e 72.153. Em segundo lugar vem a faixa etária de 25 a 29 anos, com 69.500 ocorrências em 1997 e 68.562 em 98.

As perdas econômicas ligadas às doenças e acidentes do trabalho no mundo estão, segundo a Organização Internacional do Trabalho, em torno de 4% do Produto Interno Bruto (PIB).

Exposição a riscos de toxinas, estresse, falta de uso de equipamentos de segurança, matam mais de um milhão de trabalhadores por ano no mundo, ultrapassando a média anual de mortes no trânsito, de 999 mil. Isso significa que morrem por dia, no mundo cerca de 3 mil pessoas, ou seja duas por minuto, vítimas de infortúnios no trabalho. Esse número é 90% superior ao de pacientes que morreram de câncer no Brasil, em 1998.